



As principais personagens da quadrilha junina em Maceió: características e elementos estéticos.

Joelma Ferreira da Silva¹

Resumo: O objetivo deste artigo é registrar, pela perspectiva histórica, as principais personagens da quadrilha junina em Maceió, suas respectivas características e elementos estéticos, desde o surgimento dos concursos de quadrilha até o ano de 2013.

Palavras-Chave: Quadrilha Junina. Dança Popular. Personagens Juninos. Estética Junina.

Este é um artigo extraído de uma pesquisa mais ampla que foi o meu trabalho de conclusão de curso na graduação do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Alagoas. Tal trabalho tem como tema “As quadrilhas juninas em Maceió no contexto dos concursos” e seu recorte temporal vai desde o surgimento dos concursos em Maceió até o ano de 2013. Uma parte desta pesquisa foi publicada, anteriormente, nesta mesma revista, proporcionando a difusão do movimento quadrilheiro², tanto entre os pesquisadores que desenvolvem seus estudos no âmbito da academia, quanto entre os quadrilheiros³ alagoanos.

¹ Mestranda em Culturas Populares (PPGCULT-UFS). Especialista em Arte, Educação e Sociedade pelo Cesmac. Graduada em Dança pela Universidade Federal de Alagoas, Intérprete Criadora na Companhia dos pés desde 2009. Brincante de quadrilha junina por 11 anos. Arte-educadora na Seduc/AL.

² É a mobilização dos grupos de quadrilha junina em prol de ações políticas e de organização em torno de seus interesses.

³ Expressão usada para aludir aos dançarinos de quadrilha junina.

O objetivo deste trabalho é documentar, do ponto de vista histórico, os principais personagens da quadrilha junina em Maceió, suas características e elementos estéticos, desde a década de 80 até o ano de 2013, apontando quem foram os dançarinos e seus respectivos personagens a ganhar destaque no cenário regional e nacional durante os concursos de quadrilha junina. Por isso, faz-se necessário a inclusão de fotografias que exponham essas figuras que dão visibilidade para a cultura quadrilheira dentro e fora do nosso estado.

É importante para esse trabalho situar, mesmo que de forma breve, meu interesse pela quadrilha junina, objeto desta pesquisa. Meu contato com as danças populares deu-se ainda na infância, quando aprendi na escola pública a dançar o Coco e a Taiêra. Ambas são danças das tradições alagoanas. Desde então, na medida em que eu crescia, meu envolvimento com as danças populares se intensificavam. Na escola pública, durante a pré-adolescência, comecei a dançar quadrilha junina. A partir daí, meu entusiasmo aparecia, junto com minha facilidade em realizar as coreografias, acentuando meu desejo de seguir carreira profissional na área da Dança. Desse modo, depois de cinco anos como brincante (partícipes das culturas e danças tradicionais populares) nos grupos “Estrela do Luar” e “farró Baião”, tornei-me coreógrafa da quadrilha “Amor Junino” por cinco anos. Neste mesmo período, ingressei no curso de graduação em Dança, encerrando minha atuação de forma direta, como dançarina, na quadrilha junina “Luar do Sertão” em 2016.

Toda essa trajetória me deixa confortável para refletir acerca do movimento junino, abordando o conteúdo do ponto de vista histórico no que tange aos principais personagens, suas características e elementos estéticos da quadrilha junina em Maceió.

As quadrilhas juninas em Maceió

Frente à entrevista realizada ao José Cláudio Menezes⁴ (Zé Cláudio), compreendi que os concursos de quadrilha junina são marcados, desde a década de 1980, em Maceió, por uma lógica cronológica, podemos considerar que a existência da quadrilha junina deu-se antes mesmo do início dos concursos de rua⁵. Desde então, a quadrilha junina vem se

⁴ Zé Claudio é marcador da quadrilha Luar do Sertão desde a mais de 30 anos e um dos fundadores da Liga de Quadrilhas Juninas de Alagoas (LIQAL) - (dados obtidos em entrevista concedida em 2011).

⁵ Para o surgimento dos concursos em Maceió confira SILVA (2013).

modificando na mesma medida em que a sociedade se transforma. Assim, diante de poucas pesquisas sobre esse tema em Alagoas, há uma carência demasiada de estudos mais aprofundados dessa dança, pela dimensão da sua importância para a sociedade alagoana.

Assim, a quadrilha junina é vista como um elemento cultura nacional e marcante em Alagoas. Por se tratar de um legado que foi produzido historicamente e é transformado na contemporaneidade, há a necessidade de estudar este processo que não é isolado, mas que já se trata de uma característica da cultura do povo alagoano [...]. (SILVA *et al.*, 2020, p.652).

As principais personagens e seus elementos estéticos

A Quadrilha junina, desde seus modelos mais tradicionais, sempre apresentou, além dos dançadores comuns (ou seja, os casais de matutos⁶ que integram a festa de casamento), algumas personagens, como: a noiva, o noivo, o padre e os pais da noiva (esses últimos são evidenciados apenas na cena do casamento, durante o restante da dança, são matutos e não recebem destaque dos demais). A *rainha do milho*, personagem que sempre integrou os festejos juninos, desde a década de 1990, ganha agora a companhia do *rei do milho* dentro da estrutura da quadrilha estilizada. Atualmente, a figura dos *noivos* mantem-se em destaque nas quadrilhas nos contextos dos concursos em Maceió, cidades vizinhas e em outros estados do Nordeste, pois, só existe quadrilha junina se houver a encenação de um casamento. Outra inovação é que, a partir de 2007, a personagem *rainha* vem ganhando cada vez mais espaço nas quadrilhas alagoanas. Para encarnar essas personagens da quadrilha, os dançarinos devem imprimir-lhes algumas características, que são específicas de cada uma conforme discutimos a seguir.

A noiva

A personagem *noiva*, na quadrilha em Maceió, sempre foi e, ainda, é uma posição bastante desejada em todos os grupos juninos, desde os que fazem quadrilha matuta até os que dançam nas estilizadas e nas recriadas⁷.

⁶ “O matuto, é um personagem concebido através da caricatura do rurícola feita pelo citadino, foi utilizado como um dos artifícios para legitimação do processo de urbanização tem o papel de associar a imagem do campo ao atraso e ao passado, em contraponto a cidade ligada ao processo e à modernidade” (MENEZES, 2008, p. 14).

⁷ São formas diferentes de composição da quadrilha junina para mais detalhes a respeito destas em Maceió, ver (SILVA, 2013).

A noiva é a dona da festa. É pela felicidade da concretude do casamento que a quadrilha surge. A festa do casamento, – representando a união de mais um casal e, por consequência a formação de mais uma família aliada à benção da colheita do milho no Nordeste –, projeta a renovação e a fertilidade na vida e na natureza. Nas quadrilhas estilizadas e recriadas, a dançarina que encarna a noiva, geralmente, é uma mulher considerada bonita⁸ pelos padrões estéticos brasileiros, que usa um vestido luxuoso e sua simpatia para chamar toda atenção do público para si; já na quadrilha matuta, essa personagem deve ser engraçada, mas não tem a obrigação de ser considerada bonita aos olhos do público e tampouco dos jurados. Quanto mais cômica for essa matuta, mais conseguirá agradar a todos, pois o foco da atenção ali é o humor. Na estilizada e na recriada, a noiva pode ser homenageada, tendo um momento específico para ela ou para o casal. É comum também que em vários momentos longo da apresentação seja dado destaque a essa personagem, colocando-a, então, sempre em evidência.

O vestido da *noiva* na quadrilha matuta não é um vestido volumoso, dotado de muitos detalhes nem materiais luxuosos/brilhantes em sua confecção. Este vestido deve ser simples, fazendo referência aos vestidos usados nas cidades do interior do estado. Nas quadrilhas estilizada e recriada, quanto mais brilho e volume tiver o vestido, mais bonita será a noiva que o usar. A peça poder ser completamente branca ou conter tecidos coloridos, desde que a cor branca sempre prevaleça sobre as outras. Em Maceió, por exemplo, espera-se que a intérprete gaste em torno de dois mil reais para estar vestida luxuosamente e de acordo com sua personagem (vestido, sapato, arranjo, meia calça, véu e maquiagem).

No ano de 2009, pela primeira vez no campeonato “Alagoano”, organizado pela Liga de Quadrilhas de Alagoas (LIQAL), promoveu-se o concurso de Casal de Noivos, os quais podem ser escolhidos separadamente Nesta edição Danny Santos (Quadrilha Rosa dos Ventos Alagoana) foi consagrada a melhor noiva e Thiago Umbelino (Quadrilha Amanhecer no Sertão) foi eleito o melhor noivo. Houve uma interrupção na realização desse concurso de 2010 a 2011, voltando a ser realizado em 2012. Neste ano a campeã foi Marcela Mourão (Quadrilha Asa Branca do município de Atalaia) que após ter empatado com Darianny Santos (Quadrilha Luar do Sertão) foi escolhida pelo voto de minerva do presidente da Liga como melhor noiva.

⁸ Esta palavra sempre aparecerá entre aspas, por compreender ser individual concepção de beleza. Entendo, porém, que a ideia de beleza pensada pelo coletivo (sociedade e pelos grupos de quadrilha) é pautada nas referências colonizadoras europeias.

Esses concursos foram adotados há bastante tempo em alguns estados, sendo as Noivas mais famosas no âmbito nordestino:

- Cida Sales, Quadrilha junina Babaçu – CE,
- Darianny Santos, Quadrilha Luar do Sertão – AL,
- Leila Nascimento, Quadrilha Raio de Sol – PE,
- Jaqueline Rodrigues, Quadrilha Paixão Nordestina – CE,
- Mônica Santos, Quadrilha Dona Matuta – PE.

Existe também o concurso “Nordestão”, organizado pela União Nordestina de Entidades Juninas– UNEJ –, no qual há a escolha da melhor Noiva do Nordeste. Darianny Santos (Quadrilha Luar do Sertão) trouxe este título para Alagoas em 2008 e 2010. Em 2011, foi a vez de a alagoana Michelly Vieira (Quadrilha Amanhecer no Sertão) conquistar o troféu.



Figura 1 - Darianny Santos recebendo o prêmio. Fonte: acervo da Quadrilha Luar do Sertão.



Figura 2 - Michelly Vieira, premiada em 2011. Fonte: página do facebook da Quadrilha Amanhecer no Sertão.

A Rainha

Para a Rainha, existe uma homenagem única, inclusa na apresentação das quadrilhas Estilizada e Recriada.

De início, a Rainha era um posto almejado pelas crianças em quadrilhas escolares, nas quais a aluna que mais conseguia vender rifa⁹, automaticamente, estava eleita e receberia o cargo para estar vestida a caráter na festa junina da escola; deste modo, a Rainha poderia ser “escolhida” até uma semana antes da festa, pois, todas as alunas teriam que prestar contas da venda das rifas. Na quadrilha matuta (já no contexto de concursos), essa seleção era feita com antecedência, pois, a menina que seria a Rainha tinha que providenciar um vestido mais elaborado, quando comparado ao das alunas de quadrilhas escolares.

De acordo com Zé Claudio, a história da Rainha do Milho está ligada à colheita do milho, assim como existe a Rainha do Rodeio, em Barretos, interior de São Paulo, existe, em Alagoas, a Rainha do Milho. Na Quadrilha Matuta, a Rainha fazia par com um “matuto”, este vestido igual a todos os outros, mas que, dançando, deveria sobressair aos demais, pois estaria acompanhando a majestade. A figura do Rei foi criada dentro da Quadrilha Estilizada. A figura do Rei nasceu junto às modificações criadas para quadrilha estilizada.

O concurso de rua “São João dos Carneirinhos” ou “Arraial da Doca¹⁰” apresentava uma organização diferente para os concursos de rainha do milho, casamento e quadrilha, ao fim da década de 1980. Estes aconteciam separadamente, como expõe SILVA (2019, p. 08):

Na primeira noite classificavam-se os três melhores casamentos; na seguinte, as três melhores rainhas; e na terceira, as três melhores quadrilhas, sendo que a final da disputa de rainhas e o casamento ocorriam na mesma noite. O prêmio de melhor quadrilha era decidido na última noite do concurso.

Nesse formato o concurso durava cinco dias de animação no bairro do Prado. Para a rainha dessa época não eram exigidos muitos aparatos estéticos, o desfile acontecia de forma simplória, ainda assim causava bastante expectativa nas torcidas que se envolviam com a disputa.

A partir de 2007, a Quadrilha Luar do Sertão trouxe, pela primeira vez, uma homenagem à rainha, aos moldes das quadrilhas do estado do Ceará e foram surgindo mais homenagens a essa personagem nas outras quadrilhas em Maceió a cada ano. No

⁹ Bilhetinhos de papel contendo uma numeração para concorrer a determinado prêmio, nesse caso, sorteia-se geralmente uma cesta contendo produtos alimentícios, conhecido como “Balaio de São João”.

¹⁰ Organizador do evento que acontecia na região do Ouricuri, no bairro do Prado, atualmente chama-se São Sebastião.

Ceará, a rainha da quadrilha é a figura que mais recebe destaque (por vezes mais até que a noiva) e o momento de maior expectativa é o “Desfile da Rainha”, como lá é chamado – ela deve ser uma mulher “bonita”, simpática e que, além de ter boa desenvoltura nas coreografias, consiga girar por bastante tempo, dançando uma música criada especialmente para ela. É considerada a melhor aquela que se apresentar com mais glamour, luxo, elegância, uma simpatia misturada a um sutil deboche, e utilizar, na coreografia, um grau de dificuldade elevado como, por exemplo, permanecer girando entre a quadrilha, enquanto todos continuam com a dança e/ou evolução; “andar” sobre os dançarinos; e, até mesmo, dar saltos e cambalhotas. Como são rainhas da quadrilha e não do milho, elas podem usar diversas cores em seu vestido, como vermelho, preto, laranja, colorido etc. As rainhas alagoanas são rainhas do milho e, por isso, seguem a regra do verde e amarelo. Regra essa que começa, gradativamente, a ser modificada. Ficando a escolha da cor do figurino vinculada ao tema proposto pela quadrilha.

É possível encontrar expostas em páginas de redes sociais, como o *Facebook*, fotos dos vestidos, e respectivos preços, de algumas rainhas de outros estados do Nordeste. Muitas vezes, o vestido da rainha é o mais caro de todas as personagens, chegando à média de oito mil reais. Se incluirmos acessórios – maquiagem, arranjo, penteado, brinco, pulseiras, colar, meia calça (decorada ou não) e sapatos – este valor altera consideravelmente. Na aparição da rainha, a quadrilha “para” por ocasião de sua passagem, momento em que se podem ouvir fogos de artifício a explodir e se vê chuva de prata caindo sobre ela e pode surgir até mesmo algo parecido com uma “carruagem”, trazendo-a para que possam elevá-la à vista de todos.

Em vários concursos de quadrilha junina, há também o concurso da rainha, elemento competitivo que soma pontos para a quadrilha enquanto grupo e para a própria personagem separadamente ao concorrer com as demais Rainhas. No Nordeste, ou até mesmo no Brasil, as mais conhecidas são as do estado do Ceará:

- Roberta Fernandes (Robertinha) - Quadrilha Paixão Nordestina;
- Christiane Rodrigues - Quadrilha Junina Babaçu;
- Adriana Dias - Quadrilha Cumpadre Justino.

Só essa personagem rendeu um trabalho de conclusão de curso da Universidade de Fortaleza, um documentário chamado: “Deus, Salve a Rainha”, produzido por Max Costa, ex-quadrilheiro da “Beija-flor do Sertão”. Em Maceió, esse modelo de

homenagear a rainha que, aos poucos, vai deixando de ser do milho, vem sendo constantemente usado. Os artistas já estão, inclusive, criando músicas para este momento, e, vagarosamente, vão introduzindo outras cores no vestido, que, até então, apresentava-se apenas nas cores verde e amarelo.

Em junho de 2012, Stéphanie Rodrigues – Rainha da Quadrilhacampeã do Concurso Alagoano no ano anterior (2011): “Amanhecer no Sertão” – foi a representante do estado na 1ª Edição do Concurso Nacional de Rainhas Juninas, organizado pela Confebraq – Confederação Brasileira de Quadrilhas Juninas – que aconteceu em Palmas, Tocantins. O estado que sediou o evento, indicou duas representantes para o concurso. Na ocasião, estavam presentes as rainhas de 10 estados do Brasil listadas abaixo em ordem classificatória para o concurso:

1. Stéphanie Rodrigues – Quadrilha Amanhecer no Sertão, Maceió– AL;
2. Nadya Costa – Quadrilha Caipiras Do Borocoxó, Palmas-TO;
3. Karen Kzan – Quadrilha Girassol Cerrado, Palmas – TO;
4. Mila Crystian – Quadrilha Pedra Lascada, Itapipoca–CE;
5. Márcia Cristina – Quadrilha Gonzagão Caipira, Roraima–RR;
6. Aline Tallyta– Quadrilha Junina Massacará, Carmópolis– SE;
7. Danny Coltlhy – Quadrilha Balança Matuto, Teresina– PI;
8. Manuh Piza – Quadrilha Girassol das três Marias, Rondônia–RO;
9. Beatriz Barbosa – Quadrilha Sedução Ranchista, Belém do Pará;
10. Jéssika Cavalcante – Quadrilha Tradição e Ritmo, Goiânia – GO.



Figura 3 - Stéphanie Rodrigues, na 1ª edição do Concurso Nacional de Quadrilhas Juninas Fonte: *Facebook de Stéphanie* (2012).

Neste ano, Stéphanie Rodrigues foi como a 2ª melhor Rainha do Brasil. Em 2013, houve a continuidade dessa disputa, Brenda Oliveira (da quadrilha Asa Branca, que não foi a quadrilha campeã alagoana naquele ano) foi a representante de Alagoas, decisão tomada na segunda edição do Concurso de rainhas dentro do Alagoano. Esse resultado mostra-se questionável, visto que houve um empate com Dayelle Louise (Quadrilha Luar do Sertão), sendo que ambas obtiveram a nota máxima (dez pontos). Como não há uma definição para desempate quanto à escolha dessas personagens (noiva, noivo e rainha) no regimento interno da Liga, o presidente da Liga fez a escolha sem comunicar as quadrilhas sobre os critérios para essa decisão. Zé Claudio, da quadrilha Luar do Sertão, insiste em dizer que deveria ter sido realizado um sorteio, sendo essa forma a mais justa, em seu entendimento.

Em 2009, quando aconteceu a 1ª edição, a campeã foi Dayelle Louise (Quadrilha Luar do Sertão). Em 2010, o concurso foi cancelado, voltando a ser realizado apenas em 2012; neste caso, Stéphanie Rodrigues não foi propriamente eleita a melhor Rainha de Alagoas, mas foi escolhida, porque a Liga de Quadrilhas de Alagoas considerou-a a melhor, visto que, no ano de 2011, foi a rainha mais premiada de Alagoas, além de integrar a quadrilha campeã daquele ano.



Figura 4 - Dayelle Louise, 1ª a ganhar o prêmio de melhor Rainha no Concurso Alagoano, 2009. Fonte: *Orkut* da quadrilha Luar do Sertão.

O noivo e o rei

Ao noivo e ao rei não são construídas tantas expectativas em comparação à noiva e rainha. O noivo, em alguns concursos, recebe mais destaque que o rei, pois, ele soma ponto para a quadrilha enquanto grupo e para si, separadamente, assim como ocorre com a noiva e com a rainha. Além disso, a ideia de amor que geralmente é expressa

entre o casal de noivos exige a interpretação de ambos, assim requer maior desenvoltura dessa personagem.

Do Concurso “Nordestão”, edição 2010, David Perdigão (quadrilha Luar do Sertão) trouxe o troféu de melhor noivo do Nordeste. No ano seguinte, 2011, foi a vez de Thiago Umbelino (Quadrilha Amanhecer no Sertão) ser considerado o melhor noivo do Nordeste.



Figura 5 - David Perdigão, melhor noivo pelo concurso “Nordestão” 2010. Fonte: Orkut da Quadrilha Luar do Sertão (2010).



Figura 6 - Thiago Umbelino, melhor noivo (Amanhecer no Sertão) 2011 no Concurso “Nordestão”. Fonte: Facebook.

A figura do rei, em Maceió, foi a última a ser criada e seu papel é acompanhar a rainha, mas há alguns concursos no interior de Alagoas que elegem o melhor rei.

O Casamento

Assim, estes grupos têm, através deste elemento cultural, incluído vários sentidos e significados para a ação do homem nas mais diversas dimensões da sua vida, ou seja, estabelecem representatividades no que respeita o trabalho do camponês, a religiosidade, o casamento e o modo como a natureza é vista. (SILVA et al., 2020, p.653)

Tais percepções são trazidas para o universo da quadrilha junina, no entanto, é coerente considerar o contexto em que as quadrilhas encenam e dialogam com o cotidiano social, visto que a sociedade, e tudo que a ela se liga, está em constante transformação. Nesse sentido, seguiremos documentando o casamento da quadrilha que corresponde à quadrilha matuta, estilizada e recriada.

A quadrilha junina é a festa de um casamento matuto, que geralmente traz em seu enredo a história de um noivo. Este muitas vezes é obrigado a casar-se com a noiva, já que a engravidou. Nesse contexto, o pai da noiva, representando o conservadorismo social de uma cidade do interior, não admite ter filha que seja “mãe solteira”¹¹ dentro de casa. Pressionado pelo futuro sogro, padre e delegado, o noivo aceita ser casado depois de várias tentativas de fuga. Nessa cena, o texto usado é bem humorado, contendo palavras de duplo sentido com as quais os convidados (os matutos) da cerimônia se divertem. Este é o casamento característico da quadrilha matuta.

Esse formato é usado até hoje. Mas a depender do tema de cada quadrilha (estilizada ou recriada) pode haver variações em seu contexto, como por exemplo, o noivo não precisar mais ser forçado a casar-se, ele pode dizer “sim” por livre e espontânea vontade. A noiva não precisa estar grávida e podem existir outros personagens em cena, como “Lampião” que faz o papel do delegado, sendo a lei maior daquele lugar. Outra representação que vem sendo usada com frequência como personagem no casamento é figura de um homem gay; geralmente a ele atribui-se os adjetivos da alegria e descontração para a cena, ao mesmo tempo em que traz a discórdia, ao aparecer como amante do noivo, o que, pela encenação cômica, envolve também uma história afetiva. Esta questão da homossexualidade tem sido recorrentemente abordada na quadrilha, pois, várias personagens apresentadas como heterossexuais no papel de matuto tradicional, já “viraram gays” em cena, como: “Lampião”, “o padre”, ou até mesmo “o pai da noiva”.

A única exigência para o quesito “casamento” na súmula dos concursos é que sua estória esteja vinculada ao tema proposto pelo grupo. Neste caso, o texto desenvolvido e

¹¹ “O termo “mães solteiras”, como eram conhecidas as mães solo, carrega o forte resquício da sociedade machista e patriarcal do século XX, em que a mulher – sobretudo a mulher casada – possuía seus direitos civis, sexuais e reprodutivos reduzidos e em sua maioria submetidos à vontade do marido” (BORGES, 2020, p. 01).

as personagens criadas estão livres para qualquer adaptação que o grupo deseje fazer, desde que não fuja à proposta temática.

Entre as décadas de 1980 e 1990, os casamentos das quadrilhas nos concursos eram cômicos, os noivos precisavam ser bastante engraçados para conquistar o público e, principalmente, os jurados. Hoje em dia, essa ideia permanece, mas, além de dançar bem, o noivo e a noiva devem ser, aparentemente, “bonitos” aos olhos dos jurados e com um porte físico que corresponda à imagem idealizada de um casal saudável, fértil e eternamente apaixonado. Já da aparência estética dos noivos na quadrilha matuta não é exigido tanto rigor quanto na estilizada e na recriada; na verdade, as pessoas de aparência comum se encaixarão perfeitamente no papel principal.

Para os atuais concursos, as quadrilhas vêm preparando um casamento mais elaborado, tanto no texto quanto na interpretação das personagens. Há grupos que contratam um diretor teatral, ator/ atriz ou pessoas ligadas ao teatro para a construção do texto e preparação daqueles que irão participar da cena. São realizadas oficinas de expressão corporal e de interpretação para uma melhor investigação na construção de cada personagem. Em geral, o texto do casamento narrado é gravado em estúdio anteriormente e é reproduzido em um aparelho de som. Muitas vezes esta dublagem é realizada pelos dançarinos que interpretam as próprias personagens, para não destoar em relação à idade de quem encena ao vivo com a voz de quem fez a gravação, podendo esse vir a ser um motivo para retirada de pontos. Por outro lado é também uma forma de deixar o dançarino mais à vontade na interpretação da sua personagem. À medida que a gravação vai tocando, eles vão verbalizando o texto já decorado. Esta é uma prática bastante usada, sendo o casamento um quesito no regulamento, que vale pontuação específica. Assim, os grupos adotam o artifício da gravação, temendo que algum componente esqueça ou erre sua fala em cena e venha a correr o risco da perda de pontos.

Quando o casamento é feito ao vivo, o grupo está se lançando a outros riscos, como por exemplo, o de não ter microfones sem fio para todas as personagens e precisar passá-lo de mão em mão para a interpretação de cada uma, limitando a circulação destes pelo espaço. Além disso, o microfone pode falhar, dificultando o entendimento dos jurados e do público, e, desta forma, tornar a cena, muitas vezes, incompreensível. No entanto, quando o casamento consegue ser realizado com as falas interpretadas ao vivo e sem falhas é encantador, pois demonstra o compromisso daquele grupo com o estudo e a interpretação artística, garantindo maiores chances de conseguir a nota máxima.

Não há, no regulamento do concurso, um momento obrigatório para a execução do casamento no decorrer da apresentação da quadrilha. Quando o casamento é realizado no início da apresentação, é de extrema importância a compreensão do texto, porque é a partir daquela história que o grupo vai desenvolver seu enredo; uma vez pouco compreendido, a plateia e os jurados podem não conseguir fazer relação dos elementos que aparecerão durante a dança com a história contada inicialmente. Mas não é de se estranhar que o casamento aconteça no meio ou no fim da apresentação. Nestes casos, o próprio tema da quadrilha deve facilitar o entendimento do mesmo. Acontecendo no meio ou no fim, o casamento será apenas um complemento da estória já narrada pela dança.

Conclusão

O passo a passo das modificações da quadrilha junina acompanha a velocidade dos tempos, que a cada momento se atualizam e se ressignificam em seus modos de expressar o mundo. Assim, para compreender os novos atributos, significados e lógicas das reexistências, é de suma importância conhecer a trajetória pela qual a quadrilha junina tem se construído. Tais atualizações são realizadas através dos agentes culturais e realizadores dessa dança em Maceió, assim como a reverberação dessas mudanças pela participação desses personagens, que ganham mais destaque dentro do grupo a cada ano. Considera-se também o valor da relação de troca com o público que acompanha as quadrilhas juninas (recepção) e como essas relações conduzem às novas narrativas que reconstróem as estruturas da dança bem como de seus personagens, características e elementos estéticos que representam determinadas épocas e valores.

Referências Bibliográficas

Artigos e Periódicos

CHIANCA, Luciana de O. *Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa*. 2007. In: Sociedade e Cultura. V. 10, n. 1. 2007.

EMIRCE, Jane de M. *Quadrilha estilizada, resistência, ou uma invenção da tradição?* In: Intercom. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers_nacionais/2006/resumos/R1453-3.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2012.

FRANQUI, Lidiane. *Quadrilha: a maior tradição da festa junina*. Disponível em: <http://br.noticias.yahoo.com/Quadrilha-maior-tradi-o-da-festa-junina-125300463.html>
Acesso em: 10 de junho de 2013.

MARQUES, Isabel Maria Meirelles A. *Coreologia*. Revista da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, v. 17, p. 148-183, 1991.

NETO MENEZES, Hugo. *Usos e sentidos das categorias arte e cultura popular no mundo social das Quadrilhas juninas do Recife-PE*. <http://www.ppgartes.uerj.br/publicacoes/ANAIS%20CCP.pdf> Acesso em 15 Mar. 2013.

SILVA, Joelma F. “As quadrilhas juninas em Maceió no contexto dos concursos”. In: *Cadernos Cênicos*. 2013. Disponível em: <
<https://www.seer.ufal.br/index.php/CadCenicos/article/download/9081/6558>>. Acesso em 14 Nov. 2020.

SILVA, Widis P.; SILVA, Cristiano C.G.; LIMA, Conceição M.D. “O hibridismo cultural na formação das quadrilhas juninas na contemporaneidade em Arapiraca-AL”. *Diversitas Journal*, 5(1), 648-659. <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v5i1-1020>

ALMEIDA, Magdalena. *Quadrilha junina história e atualidade um movimento que não é só imagem*. Prefeitura do Recife, Secretaria de Cultura. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2001. 48p.

BORNHEIM, Gerd A. *Cultura brasileira: tradição, contradição*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 1987.

LÉLIS, Carmem. *São João – Manifestação de Fé, Celebração da Alegria*. 2004.

LEPECKI, André. *O corpo colonizado*. Gesto – Revista do Centro Coreográfico, p. 7-11, 2003.

MARQUES, Isabel Maria Meirelles A. *Rudolf Laban e a coreologia*. Caleidos Arte e Ensino, 1997.

MENDES, Miriam Garcia. *A dança*. São Paulo: Ática, 1987.

ROCHA, José Maria T. *Folgedos e Danças de Alagoas: Sistematização e classificação*. Editado pela Secretaria de Estado da Educação de Alagoas, 1984.

Borges, Lize. MÃE SOLTEIRA NÃO. MÃE SOLO! Considerações sobre maternidade, conjugalidade e sobrecarga feminina. *Revista Direito e Sexualidade* n. 1. Mai. 2020.

MENEZES NETO, Hugo. *O Balancê no Arraial da Capital: Quadrilha e Tradição no São João do Recife*. 2008 mestrado.